

QUADRO DE HONRA

RAMP

«Thoughts»



NELSON SANTOS

Quando passam 20 anos sobre a primeira edição de «Thoughts», é importante mostrar a novos ouvidos e lembrar os mais esquecidos, um dos registos referenciais do metal português. Munidos de uma boa *demo-tape*, cinco adolescentes repletos de sonhos e já muito talento, conseguiam então aquilo que se julgaria impossível na altura: contrato com uma multinacional, sem compromissos. Falamos de uma sonoridade maioritariamente thrash metal e uma obstinação que os levou a contrariar gente bem mais crescida em plenas sessões de gravação. O encanto de 1992 passou pela mítica abertura para os Sepultura em Cascais e pela fé inabalável em seis temas que ainda hoje ecoam no histórico de uma cena que, desde então, tem vindo sempre a crescer. Enquanto preparam uma edição retrospectiva de carreira, os três elementos “sobreviventes” do primeiro álbum receberam-nos no Seixal e foi em pleno rio Tejo que o vocalista Rui Duarte, o guitarrista Ricardo Mendonça e o baterista Paulo Martins revisitaram um passado saudoso.

Que tipo de sensações é que se vos acercam quando a vossa mente viaja até 1992, até aos tempos de «Thoughts»?

Rui: Muitas, diferentes... Alguma nostalgia, alguma saudade, mas também muito orgulho. Se recuarmos até ao contexto do trabalho musical feito na altura, quer em termos de qualidade como de quantidade, eu continuo a achar que o «Thoughts» foi super importante, senão mesmo vital na história daquilo que é o metal feito em Portugal.

Ricardo: Sensações?... Gostava de voltar outra vez a esse tempo. Pelo menos, éramos mais novos, tínhamos mais energia, estávamos mais predispostos a novas aventuras. Hoje sabemos mais... mas alguma inocência, também era bom.

Paulo: Foram realmente tempos fantásticos. As coisas aconteciam de uma forma natural, tínhamos os nossos sonhos e, às vezes, era mesmo uma mar de rosas... Fomos aprendendo e acho que correspondemos às pessoas com quem trabalhámos.

Já passou muito tempo desde que ouviram o álbum

pela última vez?

Rui: Nem por isso. Acho que o ouvi há cerca de mês e meio porque estamos a preparar um *best of*. Claro que achei imensa piada ao facto de eu ainda cantar pelo nariz!

Ricardo: A voz efeminada... [risos]

Rui: Eu gravei o «Thoughts» com dezassete anos. A inexperiência da altura fez com que muitos erros fossem cometidos, mas é um álbum que ouço e noto que tem ali algo especial. Para nós, que construímos o disco, traz-me à memória o local de ensaios, as histórias, os episódios em redor. Ouço a «The Last Child» e penso como aquilo nasceu de uma noite de Heinekens fora de prazo...

Realmente o contexto era diferente, havia muita inocência e acho que esse factor hoje está perdido, não só para bandas com o nosso tempo de duração, mas também nas bandas novas; parece que não têm essa inocência, essa magia. É mais uma obsessão por aprimorar só a parte técnica.

Musicalmente, como foi a construção do «Thoughts»? Há ali influências do final da década de '80, o thrash

